

Crónica de onomástica paleo-hispânica (2)

ANTÓNIO MARQUES DE FARIA

R E S U M O Neste artigo, damos continuidade aos comentários sobre nomes hispânicos pré-romanos, procedendo a uma análise crítica das diversas abordagens que têm vindo a lume sobre o assunto nos últimos anos.

A B S T R A C T In this article, we continue our commentaries of pre-Roman Hispanic names, engaging in a critical analysis of the diverse discussions that have come to light on this issue in recent years.

abuloraun. Mosaico. *Andelo* (Muruzábal de Andión, Navarra). Mezquíriz, 1991-1992, p. 365-357; *MLH* IV K.28.1.

Ramírez Sádaba (1998, p. 6) considerou que **abuloraune** constituía o *cognomen* de *Licinius*, *nomen* que, por sua vez, foi iberizado em **liCine**. Este ilustre investigador é mais um a acrescentar à lista dos que se propuseram seccionar de um modo arbitrário **abuloraune** em **abulo-raune** apenas porque **abulo** coincide com um NP celtibérico. Posição ligeiramente diversa foi a que tomou há pouco tempo Rodríguez Ramos (2000a), que, além de evitar fazer qualquer referência a **-raune**, voltou, tal como o tinha feito no ano anterior (Rodríguez Ramos, 1999, p. 11), a incluir **liCine** entre os NNP celtibéricos, identificando-o com **licinos**, NP gravado por várias vezes no Bronze de Botorrita III. Foi também esta a interpretação de Correa (1997, p. 396) num texto que escapou à nossa atenção (Faria, 2000a, p. 123). Voltando a Ramírez Sádaba (1998, p. 6), este chega a afirmar que “*Abuloraune* presenta la típica estructura ibérica: nombre compuesto de dos elementos”. É pena que o autor em questão, ao ter optado por **abulo**, não tenha perseguido aquela interessante pista, deixando inclusive por identificar os dois elementos onomásticos ibéricos de que, segundo ele, se comporia **abuloraune**. Do nosso ponto de vista, são três, e não dois, os segmentos em que se divide o NP ibérico **abuloraun** (e não **abuloraune**): **abu-lor-aun** (Faria, 2000a, p. 122-123, com bibliografia anterior).

aidulegu. Vaso cerâmico. San Miguel de Liria (Valência). *MLH* III 2 F.13.10.

Silgo (2000, p. 289) quer fazer crer que tanto **aidulCi** (*MLH* III 1, p. 187, 209, n. 5, *MLH* III 2, p. 459, 450; Velaza, 1991, p. 94; Quintanilla, 1998, p. 155, 254; Valladolid, 1998, p. 251) como

aidulCe (Quintanilla, 1998, p. 231) são gralhas tipográficas, quando, afinal, não passam de erros de leitura. **aidulegu-Te** deve juntar-se aos exemplos da utilização do sufixo **-Te** após NNP, recolhidos por Untermann (*MLH* III 1, p. 177-178) (Faria, 1991a, p. 189). Há ainda outros NNP, ignorados por Untermann (*MLH* III 1, p. 177, 186), que são seguidos do mesmo sufixo: **bodotás-Te** (Faria, 1990-1991, p. 85, 1994a, p. 67), **Caresir-Te** (Faria, 1990-1991, p. 86, 1994a, p. 70, 1997, p. 107), **celtibeles-Te** (Faria, 1990-1991, p. 86, 1994a, p. 67), **laurberíton-Te** (Faria, 1990-1991, p. 86, 1994a, p. 67) e **selgisosin-Cas-Te** (Faria, 1991a, p. 190, 192), entre outros. Se noutra ocasião (Faria, 1991a, p. 190, 192) considerámos que **Cas** integrava o NP **selgisosin**, hoje pensamos que se trata de um afixo (ou sequência de afixos: **Ca-s**), não sendo de aceitar que a sibilante esteja associada a **-Te (-sTe)**, sufixo este de existência muito duvidosa à luz do que se conhece sobre a fonologia ibérica (Faria, 1991a, p. 189, 1997, p. 110).

Num estudo precedente (Faria, 2000a, p. 125), fornecemos uma lista de NNP compostos pelo elemento **aidu** à qual faltou adicionar **aidutiger** (Faria, 1990-1991, p. 82, 1994a, p. 68).

[a/s]intaneés/[ba]staneés. Estela de arenito. Santa Perpetua de la Moguda (Barcelona). *MLH* III 2 C.10.1.

Tolosa (2000, p. 145) lê **intaneés** onde terá estado **aintaneés** (*MLH* III 2, p. 103) ou **sintaneés** (*MLH* III 2, p. 103; Faria, 1995a, p. 324). Também **ístaneés** (Tolosa, 2000, p. 145) é NP que não está completo, pelo que deverá dar lugar a **baístaneés** (*MLH* III 2, p. 103; Faria, 1995a, p. 324) ou a **beístaneés**, ocorrendo o segmento **beés** em, pelo menos, oito NNP e num NL (Silgo, 1994, p. 80; Faria, 2000a, p. 126-127). Ao preconizarem uma deficiente segmentação de determinados NNP, Untermann (*MLH* III 1, p. 222), Silgo (1994, p. 173), Velaza (1992, p. 265, 1996, p. 43), Quintanilla (1998, p. 81, 118, 133, 138-139), De Hoz (1998, p. 120) e Rodríguez Ramos (1999, p. 8, cuadro 3, 2000b, p. 31), em vez do elemento **beés**, detectaram um inexistente **ibeés**.

Ainda menos verosímil deverá ser a restituição de **jintaneés** advogada por Luis Silgo (1994, p. 126): **[ba?]intaneés**. Convém assinalar uma vez mais que o segundo componente de ambos os NNP é **taneés**, e não **neés**, elemento antroponímico cuja existência, tal como a de **ibeés**, não está de modo nenhum provada (Faria, 1995a, p. 324; *contra*, ultimamente, Quintanilla, 1998, p. 103-104 e n. 55, 143, n. 46, 198 e n. 32, 204; Silgo, 2000, p. 286, 288).

arsbigis. Moedas. **aríse** (Sagunto, Valência). *CNH* 304:2, 5.

Até há muito pouco tempo, Ripollès julgava ser **arsakis** o vocábulo com que se iniciava uma das mais extensas legendas monetárias em caracteres ibéricos (Ripollès, 1991-1993, p. 126; García-Bellido e Ripollès, 1997, p. 277), sendo essa a transliteração que, por “comunicación personal”, transmitiu a Luis Silgo (2000, p. 289); no entanto, tal como anunciámos noutra lugar (Faria, 2000a, p. 127-128) aquele prestigiado numismata, depois de ter procedido a uma “analyse approfondie” (Ripollès, 1999a, p. 21), mudou de parecer, lendo agora **arsbikisteekiar** (Ripollès, 1999a, p. 21-22, 1999b, p. 33) onde antes lia **arsakiskuekiar**. Efectivamente, muito embora não o confesse, Ripollès fez parte do vasto grupo de investigadores (cerca de duas dezenas) que, durante quase meio século, “poussés par l’habitude” (Ripollès, 1999a, p. 21), abraçaram sem reservas a transliteração aventada por Antonio Tovar (1949, p. 29). Falta, contudo, a Ripollès dar um novo passo no caminho de uma transliteração mais fidedigna, imprimindo ainda maior profundidade à sua “analyse approfondie”: estabelecer – tal como o fez Gómez-Moreno (1949, p. 169) (e só nesta página...) – a distinção entre os dois signos de vibrante, já que o segundo grafema desta legenda não é passível de ser confundido com o que surge em último lugar. Convém recordar que Gómez-Moreno (1949), na p. 278, citada por Ripollès (1999a, p. 21, n. 16), não se deu conta da diferença entre aqueles dois signos. Assim, só uma deficiente trans-

literação poderá explicar que Gómez-Moreno (1949, p. 278), precedendo Tovar, tenha isolado na presente legenda o NL **ar̄se**, identificação que Ripollès (1999a, p. 21) omite, quando, sem qualquer rigor, declara que “la légende sur les drachmes et les hémidrachmes resterait telle qu’elle fut transcrite et publiée par Gómez Moreno dans *Misceláneas* [Gómez-Moreno, 1949, p. 278], et tout récemment reprise par Faria [1994b, p. 40]”. Ripollès (1999a, p. 22, n. 19) repete o erro de Gómez-Moreno ao ver em **ar̄scobor** (Guérin e Silgo, 1996, p. 204) o componente onomástico **ars**, detectável em **arsbigis**: mais uma vez, os signos de vibrante não são os mesmos. Teremos, pois, de concluir que, a despeito da “analyse approfondie”, Ripollès não conseguiu observar em legendas bem conservadas o que lográmos ver noutras em pior estado de conservação (Faria, 1994b, p. 40, n.º 53, 1995b, p. 80).

Ao escrever, a propósito da legenda em apreço, que “Cet auteur [Faria, 1994b, p. 40] la décompose en *ars-bikis-te-ekiar* et propose, à la suite de Silgo, que *ars-bikis* soit un nom personnel”, Ripollès (1999a, p. 21) está apenas a contar uma parte da verdade; é que Luis Silgo Gauche nunca deixou de privilegiar a leitura **arsagiscuegiar̄** em detrimento de **arsbigisTeegiarī** (Silgo, 1988, p. 68, 69, 1993, p. 285, n. 24, 1994, p. 27, 46, 80, 116).

Ripollès (1999b, p. 22, n. 21) não hesitou em chamar Velaza (1991, p. 66) à colação para cautionar a seguinte frase: “les noms personnels avec le suffixe *-te* sont fréquents”; porém, na página citada, Velaza tentou, sem sucesso, comprovar a existência em ibérico da sequência **ku-ekiar**, sendo um dos exemplos por ele apontados justamente **arsakis-ku-ekiar**. Não nos cansaremos de repetir que, tanto quanto nos é dado saber, não há provas de que o sufixo **-cu** tenha alguma vez ocorrido imediatamente antes de **egiar̄** (*contra*, Pattison, 1981, p. 497; *MLH* III 1, p. 186; Velaza, 1991, p. 66, 1996, p. 53; Quintanilla, 1998, p. 188, 225; Rodríguez Ramos, 1999, p. 12, 2000a), pelo que não será demasiada ousadia afirmar que **egiar̄** figura sempre a seguir a um NP, que pode apresentar, ou não, o sufixo **-Te** (Faria, 1995b, p. 80). Segundo Ripollès, **kekebes** conta-se entre os testemunhos, fornecidos por Velaza (1991, p. 66), de NNP seguidos do sufixo **-te**. No entanto, Velaza não poderia ter mencionado aquele suposto NP, já que o mesmo só veio a ser publicado um ano depois por Javier de Hoz (1992). Mais tarde, a transliteração subscrita por De Hoz deu lugar a uma outra, que nos parece mais plausível: **]banbalces** (Rodríguez Ramos, 1998).

Quanto à cronologia das dracmas e hemidracmas que levam a legenda **arsbigisTeegiarī**, Ripollès (1999a, p. 22) conclui que “nous ne connaissons aucun trésor du temps de la deuxième Guerre Punique contenant des monnaies à légende *arsbikisteekiar* et *arseetarkiterter*, ce qui nous porte à croire qu’elles avaient déjà été frappées à cette époque”. Ora, no plano metodológico, a conclusão mais sensata a extrair da premissa enunciada seria justamente a inversa: a ausência de tais moedas dos tesouros atribuíveis à Segunda Guerra Púnica deveria indiciar uma cunhagem das mesmas em momento posterior àquele conflito.

Voltando à discussão da legenda monetária de que nos temos vindo a ocupar, Jesús Rodríguez Ramos (2000a) veio agora ler **arsbigisCuegiarī** onde, há um ano, lia **arsbigisCuegiarī** (Rodríguez Ramos, 1999, p. 12); já vimos que qualquer destas transliterações deve ser rejeitada em favor de **arsbigisTeegiarī** (Faria, 1994b, p. 40, n.º 53, 1995b, p. 80, 2000a, p. 127-128). Em trabalho dado à estampa há poucos meses, María José Pena (2000, p. 99) mostrou desconhecer a existência do presente magistrado, ao declarar que a ceca de **ar̄se** “inicia sus acuñaciones con un par de magistrados, *Ikorbeles* [por **icor̄beleś**] e *Bakakaldur* [por **balcagaldur**]”.

Βασίγερρος. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigean, Aude). Lejeune, Pouilloux e Solier, 1988, p. 53; *IGAI* 7.

Βασίγερρος, helenização do NP ibérico **basigere* (Correa, 1992, p. 266 e n. 49; De Hoz, 1993a, p. 658; Faria, 1999, p. 154), é segmentável em **basi-gere* (Correa, 1992, p. 266 e n. 49; Faria,

1999, p. 154). **basi-balcar** (F.14.1), **basi-be** (G.1.5) e **basi-cor** (Untermann, 1998, p. 12) são mais três NNP que atestam a existência de **basi**, elemento antroponímico que não pode ser confundido com **bas** (*contra*, De Hoz, 1998, p. 120).

bendian. Moedas. Ceca indeterminada (*Mendi?*). CNH 257:1-8.

A oscilação *b-/m-/u-*, detectável na grafia de diversos nomes pertencentes às línguas paleobasca e ibérica (Faria, 2000a, p. 136) ou por elas veiculados, susceptível de reflectir a existência, nestes idiomas, de uma oclusiva labial nasalizada /m^b/ em posição inicial (Martinet, 1955, p. 387-388; Michelena, 1954/1985, p. 443-444, 1957/1995, p. 129, 1977², p. 270; Tovar, 1959, p. 54; Orpustan, 1999, p. 103; Faria, 2000a, p. 136; Ballester, 1999 [2000], p. 219-220; Rodríguez Ramos, 2000b, p. 27-28, 31), leva-nos agora a propor que **bendian** constitui a toponimização em locativo (“inessivo”) determinado de temas em vogal (**bendi-an**) (v. *infra*) do apelativo paleobasco correspondente a “montanha”/“monte”. Mesmo que a oclusiva /m^b/ não tivesse existido e **bendian** equivalesse a /bendian/, a nossa interpretação seria sempre compatível com o que defendeu Larry Trask (1997, p. 174): “*mendi* ‘mountain’ must be from **bendi* (if this is not a loan word)”. Se fosse um empréstimo do celta (Owstrowski, 2000), **bendian** poderia representar /mendian/, dado que não havia no signário ibérico levantino um signo correspondente a /m/, atendendo à inexistência deste fonema na língua ibérica (Correa, 1999, p. 385; Rodríguez Ramos, 2000b, p. 30-33). Aliás, não estaríamos perante o primeiro caso em que o fonema /m/, constante de palavras não-ibéricas, seria representado em escrita ibérica justamente por um silabograma de oclusiva bilabial sonora (Correa, 1993a, p. 104, 1994, p. 271, Rodríguez Ramos, 2000b, p. 31). De qualquer modo, preferimos ver em **bendian** a transcrição de /m^bbendian/.

Ao isolarem na presente legenda um sufixo **-n**, tanto Untermann (*MLH I 1*, p. 89, 244; *MLH III 1*, p. 165) como De Hoz (1995, p. 275) estavam, *ipso facto*, a encarar a vogal imediatamente anterior como orgânica. Contudo, o determinante de absolutivo (“nominativo”) *-a*, sucessor do ibérico **-ar**/paleobasco *-(h)ar* (Michelena, 1976/1985, p. 384; Pérez Orozco, 1993, p. 224), ocorre, já na Antiguidade, em IBARRA (Irigoyen, 1987, p. 124; Faria, 2000a, p. 132) e, possivelmente, em diversos NNL (Faria, 2000a, p. 132). Por outro lado, constituindo *-an* < *-a-n* o sufixo de locativo singular determinado de temas em vogal em basco medieval (Michelena, 1969/1987, p. 107-108; Lafon, 1970/1999, p. 168-171; *contra*, Trask, 1997, 201-203; Orpustan, 1999, p. 171), nada impede que o mesmo sufixo já estivesse em vigor em paleobasco e, talvez, em ibérico.

A este topónimo subjaz um nome comum (determinado); daí a ocorrência, na presente legenda, do locativo determinado **bendian** em vez do indeterminado **bendin* (*Mendin*) (Lafon, 1970/1999, p. 170-171; Trask, 1997, p. 202; Orpustan, 1999, p. 170). Às dezenas de casos, recolhidos em textos medievais, de NNL bascos em absolutivo determinado fornecidos por Orpustan (1999, p. 161-164) podemos juntar mais um, que exemplifica claramente o processo de toponimização sofrido por **bendi*: trata-se da “cidade” por antonomásia, *irun* > *iru(i)nea* > *iru(i)ñea* > *Iru(i)ñea* > *Iruña*, o nome basco de Pamplona (Michelena, 1997⁵, p. 106-107, 1969/1987, p. 108, 1972/1985, p. 302, 1977², p. 500); em contrapartida, atente-se no NL de formação mais recente *Irun-en* (loc.) (“em Irún”) (Michelena, 1972/1985, p. 302).

Se **bendian** corresponder ao locativo basco *mendian* (*mendi-an*), a hipótese de este último proceder de **mendigán* (Trask, 1997, p. 202, 203) tornar-se-á dificilmente sustentável, saindo, por outro lado, reforçada a eventualidade de pelo menos uma parte dos testemunhos do sufixo topónimo basco *-ain* provir do locativo *-an* (v., ultimamente, Salaberri, 2000, p. 118-119).

Nos aversos das moedas que reproduzem a legenda **bendian**, encontra-se **benCoTa**, termo presente na mesma face de algumas cunhagens que ostentam nos respectivos reversos a legenda

ba(r)ścunes. A associação entre estas três lendas faz-nos duvidar da origem hispanocelta que tem sido atribuída tanto a **benCoTa** como a **ba(r)ścunes** (Villar, 1995, p. 106), pelo que não é de excluir para ambas uma origem paleobasca (Velaza, 1998, p. 76-77).

berśir. Placa de chumbo. La Bastida de les Alcuses (Moixent, Valência). *MLH III 2 G.7.2.*

Estamos naturalmente perante um NP (Faria, 1990-1991, p. 77, 79), decomponível em **berś-ir**. Se o segundo elemento ocorre com alguma frequência na onomástica ibérica, especificamente em **co-beś-ir**, **cares-ir**, **culeś-ir** e **leis-ir** (Faria, 1995a, p. 326, 1997, p. 107), **berś**, por seu lado, só está atestado em **berś-Tan** (G.17.1). Nem **bersir** (Quintanilla, 1998, p. 44) nem **beśir** (Quintanilla, 1998, p. 44, n. 8) nem, tão-pouco, **berśir** (Silgo, 2000, p. 283) são lições a reter.

Carśuritu. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). *CNH 343:15-16.*

O nome de magistrado foi lido correctamente pela primeira vez por Jürgen Untermann (*MLH III 1*, p. 190), leitura que nos tinha passado despercebida em artigos anteriores (e.g., Faria, 2000a, p. 130). Todavia, a verdade é que Untermann, estranhamente, não incluiu **Carśuritu** na sua lista de NNP ibéricos (*MLH III 1*, p. 209-238). Dadas as dúvidas que se levantam a uma correcta identificação dos elementos onomásticos envolvidos, três segmentações são admissíveis: **Carś-uri-tu** (Faria, 1995a, p. 326), **Carś-(s)uri-tu** (Faria, 1995b, p. 81) e **Carś-suri-tu**.

ces[e]cu. Moeda. **cese.** García Garrido e Montañés, 1989, p. 48-49.

A restituição do grafema em falta, originada por um furo possivelmente destinado a transformar a moeda, talvez um óbolo, num pendente com funções apotropaicas ou apenas decorativas, é agora possível graças à publicação por L. España (2000) de uma hemidracma de idêntica tipologia, na qual se divisa com nitidez a legenda **ceseśalir**, também em escrita levantina.

-cu, equivalente ao sufixo basco *-ko*, que indica pertença ou proveniência (Trask, 1997, p. 100, 241-242; Orpustan, 1999, p. 175-176), repete-se com o mesmo sentido seguramente em **usecerde-cu** (Oroz, 1999, p. 531) e, talvez, em **belse-cu-ai** (*CNH 42:41A*). É de admitir que haja mais um ou outro exemplo da ocorrência daquele sufixo, mas nunca precedendo **egiar** (v. *supra*).

Ἐλερυας. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigeon, Aude). Lejeune, Pouilloux e Solier, 1988, p. 53; *IGAI 7*.

Já notámos repetidas vezes, por um lado, que Βλερυας é má leitura por Ἐλερυας, e, por outro, que este NP ibérico já era conhecido em escrita levantina (Faria, 2000a, p. 131, 2000b, p. 63) sob a forma **elerbaś**, num grafito cerâmico de *Iliberris* (Elne) (*MLH II B.9.1*). Vimos igualmente que, no mesmo documento, a υας (em Ἐλερυας e em [N]αυαρυας) e a ναυαρ (em [N]αυαρυας) se opõem βασι (em Βασιγερος), βιυρ (em Γολο[ν]βιυρ) (Faria, 2000a, p. 131) e ναλβε (em Ναλβε[--]υ). cremos agora que o emprego num mesmo texto dos signos β e υ com vista a representarem /b/ deve-se à circunstância de este fonema se realizar em duas variantes contextuais: [b] em posição inicial e na sequência de nasal ou de lateral, e [β] em posição intervocálica e após vibrante. Esta regra fonológica não diverge muito da que foi recentemente enunciada por José Ignacio Hualde (1999, p. 80) para o paleobasco.

A notação gráfica das variantes contextuais de /b/ decorre do facto de estarmos perante um texto redigido por um escriba grego desconhecedor do idioma ibérico, que as terá interpretado erradamente como fonemas distintos.

Resta-nos dar notícia de mais dois trabalhos que têm veiculado leituras e interpretações divergentes da nossa; assim, aos que mencionámos nos dois artigos supracitados (Faria 2000a, p. 131, 2000b, p. 63) devem acrescentar-se os recentes textos de Javier de Hoz (1998, p. 120-121) e de Jean-Claude Decourt (1999 [2000], p. 98, 100-103). Infelizmente, a posição que tem prevalecido nesta matéria leva-nos a recear que o “lígure”, “autóctone” ou “indígena” Βλερυαζ venha a ocupar por muitos anos um lugar de relevo no âmbito dos estudos sobre antroponímia pré-latina do Sudoeste da Gália.

No texto acima mencionado, escreve o Professor De Hoz (1998, p. 121): “Por último hay un par de nombres, Βλερυαζ, [.]αυαρυαζ, que de ningún modo pueden ser ibéricos, ya que su estructura fonética incluye secuencias – /ble/, /rua/ – inexistentes en esa lengua, a la vez que su formación paralela parece indicar que pertenecen a un mismo ambiente lingüístico”. Esta última afirmação é a única que merece o nosso inteiro acordo, sendo que, sobre Βλερυαζ, nada mais temos a acrescentar. Quanto à alegação de que a sequência de fonemas /rua/ é inexistente em ibérico, a verdade é que o mesmo se passa com /spe/, /spa/ ou /umi/, não obstante tal fenómeno à ocorrência, em textos gregos e latinos, dos seguintes NNP ibéricos: Βασπεδ[,]ESPAESER e SOSVMILOS.

Γολο[v]βιυρ. Placa de chumbo. Pech Maho. Lejeune, Pouilloux e Solier, 1988, p. 53.

A nasal que restituímos em Γολο[v]βιυρ deve-se à analogia susceptível de ser estabelecida entre Γολο[.] e **golon**, nome de um magistrado de *Obulco* (MLHI 1 A.100-12) (Faria, 1991a, p. 192, 1995b, p. 82), analogia que De Hoz (1998, p. 120) não quis reconhecer. De resto, o uso de β em βιυρ contribui para legitimar a restituição de uma nasal (v. *supra*).

ildic(i)ra. Moedas. **Ilucroca* (Lorca, Múrcia). CNH 356:1-2.

Dada a forte probabilidade de ser este o NL que, no século IV, viria a estar documentado como *Eliocroca* (Tovar, 1989, p. 165), mas também como *Eliocraca*, *Eliococra*, *Eliocrica*, *Eliocrata*, etc. (Kurt e Bartlett, 1998, p. 29, n. 3), é nossa convicção que o quarto grafema do referido letreiro deverá representar somente uma consoante, neste caso velar, devendo ser aquele destituído, por conseguinte, de qualquer valor silábico. Retomamos assim a interpretação que propusemos há cerca de uma década: **Ildicra* (Faria, 1991a, p. 192, 1991b, p. 16). A objecção posteriormente levantada (Faria, 1995b, p. 82) com base na ausência em ibérico da sequência *muta cum liquida* não terá razão de ser, se, a exemplo de outros NNL pré-latinos registados no Sul da Península – *Baesipo*, *Baesucci*, *Ilipa*, etc. –, o NL em análise for considerado um híbrido, i.e, composto por formantes pertencentes a línguas distintas. Deste modo, **ildi** proviria da língua ibérica, ao passo que **-cra** poderia identificar-se com o segundo componente de SISCRA, NP turdetano documentado na numária de **Beuipo* (Faria, 1992, p. 43). Porém, se o NL em análise fosse **Ildicra*, dificilmente este teria dado origem a *Eliocroca*. Assim, cremos que deve ser encarada a eventualidade de **Ildicra* abreviar **Ildicr(oc)a* ou **Ildicr(ic)a* (v. *infra*), juntando-se este a outros nomes próprios em escrita ibérica abreviados por contracção (Faria, 1997, p. 110). Decorre deste paralelismo a sugestão de que *Eliocroca* constitui igualmente a chave para a interpretação correcta do nome de uma sociedade de publicanos gravado em cinco lingotes de chumbo encontrados na zona mineira de Coto Fortuna, poucas dezenas de quilómetros a leste de Lorca (Tovar, 1989, p. 164): SOCIET(*as*) MONT(*is*) ARGENT(*arii*) ILVCRO(*censis*). Deve, por conseguinte, ser descartada a hipótese de ILVCRO constituir a metátese de *Ilurco* (*contra*, Faria, 1995b, p. 82). Importa, contudo, reconhecer que a identificação de ILVCRO[com *Eliocroca* não deve ser admitida de ânimo leve, sobretudo se o nome desta sede episcopal não passar de uma deturpação de ILIO-CRI[CA?], designação de uma ceca visigoda desconhecida até há pouco tempo (Kurt e Bartlett, 1998).

É evidente que o carácter hipotético de que se revestem as duas propostas agora apresentadas não nos autoriza a abandonar de um modo definitivo as tentativas de explicação que expuse-

mos noutras ocasiões, nomeadamente a eventual relação da legenda monetária em apreço com *Ilorcira* < **ildurcira* (Faria 1997, p. 108) ou com *Ilici* < **ildici-(i)ra*/**ildici-(i)r-a* (Faria, 1995b, p. 82).

MVRTILI. Moedas. *Murtili(s)*. CNH 378:9.

Não restam dúvidas de que *Murtili* é o nome indígena da cidade que, na documentação da época imperial, será conhecida por *Myrtili* ou *Myrtilis*.

Pérez Vilatela (2000, p. 187) declarou recentemente que muitas “baladronadas [sic] se han dicho respecto a *Myrtilis*, por mero desconocimiento de los textos y numismas” (Pérez Vilatela, 2000, p. 187). Aproveitamos esta oportunidade para corrigir algumas dessas faltas: a) as moedas desta ceca jamais ostentaram a legenda MIRTILIS (Arévalo, 2000a, p. 51) ou IVLIA MYRTILIS (Alarcão, 1990, p. 45), nem, tão-pouco, MIRTILES (CNH, p. 377, 471; Pérez Vilatela, 2000, p. 187) ou MYRTILES (Pérez Vilatela, 2000, p. 176, 179), mas apenas MVRT, MVRTIL ou MVRTILI, nada havendo, pois, que sustente a obediência destes letrados toponímicos “a un patrón designativo hispanocelta, como *Pelendones*, *Autrigones*, *Berones*, etc.” (Pérez Vilatela, 2000, p. 187); b) Plínio jamais chamou *Iulia Myrtilis* a *Murtili(s)* (*contra*, Pérez Vilatela, 2000, p. 187), e não é certo que Ptolemeu (*Geog.* 2.6.5) tenha aplicado idêntica designação à cidade em causa (Vasconcellos, 1901, p. 85-86; *contra*, Pérez Vilatela, 2000, p. 81, 170, 173, 174, 187; Roddaz, 2000, p. 272, n. 82), sendo, em contrapartida, seguro que nunca lhe chamou *Myrtilis Iulia* (*contra*, Alarcão, 1990, p. 45); d) não corresponde de modo nenhum à verdade que as moedas de *Murtilis*, em virtude de ostentarem legendas em caracteres latinos, tenham sido incluídas no repertório de Crawford (*RRC*), o qual, de resto, não se intitula *Roman Republic Coinage* (*contra*, Pérez Vilatela, 2000, p. 176 e n. 2409).

nabarsosin. Placa de chumbo. Ampurias (La Escala, Gerona). *MLH* III 2 C.1.6.

Preferimos esta transliteração a **nalbesosin** (*MLH* III 1, p. 228; De Hoz, 1998, p. 120) pelos seguintes motivos: a) o signo de I empregue por cinco vezes noutros vocábulos da mesma face do documento referido corresponde a I 1 (Λ) (*MLH* III 1, p. 247; Rodríguez Ramos, 1997, p. 26), nada tendo que ver com a barra vertical correspondente ao terceiro signo, a que Untermann (*MLH* III 2, p. 26) atribui idêntico valor fonético; b) o elemento antroponímico *nalbe*, atestado em NALBE-ADEN (TSall) e em Ναλβε[-]v (Lejeune, Pouilloux e Solier, 1988, p. 53), é o resultado da adaptação para latim e para grego de **wlbe**; testemunham-no **wlbeief** (C.3.2) (Rodríguez Ramos, 1997, p. 26, n. 35, 2000b, p. 28-29; Correa, 1999, p. 391) e **wlbebiur**, NP que figura em duas estelas funerárias descobertas em trabalhos arqueológicos recentemente realizados em Badalona (Guerra, 2000, p. 63).

odac(i)is. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). CNH 342:9.

Silgo (2000, p. 283) admite nada menos que três transliterações para este NP correspondente a um magistrado obulconense: **otatiis**, **otakiis** e **otakuis**. Porém, qualquer delas é inviável, já que a transliteração do signo de sibilante não é a correcta; além disso, a ocorrência deste mesmo NP em caracteres latinos nas moedas de **Beuipo* (CNH 133:3-4) não deixa margem para dúvidas de que **odac(i)is** é a única leitura aceitável (Faria, 2000a, p. 138).

oilauwica. Têssera de bronze (suídeo). Proveniência desconhecida. Faria, 1998a, p. 121.

Temos de secundar a transliteração do primeiro signo adoptada por X. Ballester (1999 [2000], p. 217), devendo o mesmo ser agora integrado na variante paleográfica **o 3** da sistematização de Untermann (*MLH* IV, p. 443). Na base da nossa transliteração do dito signo como **ca** encontrava-se o facto de o segmento que une na diagonal as duas hastes verticais ter início exactamente a partir do limite superior da haste esquerda; a observação deste fenómeno, aliada à

suposta orientação do signo, cujo eixo vertical parecia perpendicular à parte superior da cabeça do suídeo, deu-nos a impressão de que estávamos perante um Λ. Além disso, a que agora sabemos ser a haste direita do signo de **o** foi gravada após o traço diagonal.

ORDVMELES. Tábua de bronze. Roma. *CIL* I² 709.

ORDVN e ORDEN constituem variantes de **ordin**, mas apenas enquanto latinizações deste elemento onomástico ibérico (Correa, 1993b, p. 331, 1994, p. 270, 1999, p. 381; Faria, 1997, p. 106; Quintanilla, 1998, p. 154; Silgo, 2000, p. 280; *contra*, Gorrochategui, 1984, p. 249, n.º 275, 1993, p. 622, 1995a, p. 224, 1995b, p. 55; *MLH* III 1, p. 229; Sayas, 1994, p. 156; De Hoz, 1994, p. 175; Silgo, 1994, p. 217-218; Velaza, 1995, p. 212), sendo, conseqüentemente, deveras improvável que algum dia aquelas variantes venham a estar documentadas em escrita epicórica. Orpustan (1999, p. 54-55) crê que, na onomástica basca medieval, *ordin* sucede a *uridin*, alegando que este é um dos vários exemplos de abertura vocálica antes de consoante líquida, no caso ver-tente, de vibrante. No entanto, os dois testemunhos de *ordin* que ele próprio fornece são clara-mente anteriores às ocorrências de *uridin* (Orpustan, 1999, p. 55, 195), deixando este fenómeno entrever que *ordin* é mais um elemento onomástico que terá sido partilhado pelo ibérico e pelo paleobasco. Assim, ainda que uma tal sinonímia não possa ser provada, não será de descartar a hipótese de que o formante onomástico ibérico **ordin** tenha tido o mesmo significado que o basco medieval *ordin* > *uridin* (Silgo, 1994, p. 218; *contra*, Silgo, 2000, p. 280), termo pertencente ao léxico cromático (Michelena, 1970/1987, p. 285; Orpustan, 1999, p. 55, 195).

SACAL. Moedas. *Castulo*. *CNH* 332:14.

Consideramos, na esteira de F. Beltrán (1978, p. 207, n. 18), que SACAL, ISCER e SOCED correspondem a três magistrados distintos. Qualquer deles poderá constituir um nome simples (“Kurzname”) ou, com maior grau de verosimilhança, o primeiro elemento de um NP composto. SACAL conformaria assim um NP autónomo, presumivelmente abreviado, devendo o eventual segundo componente começar por uma lateral que assimilaria a vibrante de SACAR, à imagem de **sacalacu** < **sacarlacu* (G.1.6), **biulacos** < **biurlacos* (A.33-13) (*MLH* III 1, p. 154 e n. 32) e, eventual-mente, de SCAL(L)ABI(S) < **iscarlabi*/*isarlabi* (Faria, 1999, p. 154). Jamais afirmámos (nem tal afirmação faria qualquer sentido) que a lateral presente em SACAL pudesse abreviar um *nomen* ou um *praenomen* (*contra*, Silgo, 2000, p. 285, 289).

Não há, pois, que ver em SACAL o primeiro componente do NP SACALISCER, tal como supuseram Untermann (*MLH* I 1, p. 328, III 1, p. 230), Correa (1992, p. 264, n. 27, 284), García-Bellido e Blázquez (1995, p. 420) e Quintanilla (1998, p. 84, 94, 175, 231, 240, 254, 264). Na mesma ceca, encontram-se documentados dois indivíduos denominados M(*arcus*) ISC(er...) (*CNH* 338:56) e Q(*uintus*) ISC(er...) F(*ilius*) (*CNH* 339:70, 71), podendo qualquer destes identificar-se com o ISCER da presente emissão (Faria, 1991b, p. 16). Por outro lado, se ISCER fosse o segundo com-ponente do NP SACALISCER, seria este o único NP ibérico gravado integralmente em moedas castulonenses. Relativamente a SOCED, a localização deste vocábulo no exergo do reverso da emissão em análise não pode ser considerada motivo suficiente para descartar a sua interpretação como NP (*contra*, De Hoz, 1989, p. 560), sendo esse mesmo o espaço que ocupam os NNP P(*ublius*) COE(*lius*) e A(*ulus*) POS(*tumius*) respectivamente nos reversos de *CNH* 338:57 e de *CNH* 338:58, também pertencentes à ceca de *Castulo*. Estamos, por conseguinte, convencidos de que SACAL(...), ISCER(...) e SOCED(...) constituem os nomes abreviados dos indivíduos integrantes de um dos quatro “triumviratos” atestados nas moedas de *Castulo* (Faria, 1994b, p. 36), sendo os outros for-mados pelos seguintes magistrados:

- L(*ucius*) QVL(*es...*) F(*ilius*)
Q(*uintus*) ISC(*er...*) F(*ilius*)
M(*arcus*) (C...) F(*ilius*) (CNH 339:70, 71)
- M(*arcus*) ISC(*er...*)
C(*aius*) AEL(*ius*)
M(*arcus*) FVL(*uius*) (CNH 338:56)
- AP(*pius*) CLO(*dius*)
C(*aius*) AVF(*idius*)
A(*ulus*) POS(*tumius*) (CNH 338:58)

■ Σεδεγων. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigean, Aude). Lejeune, Pouilloux e Solier, 1988, p. 53; IGAI 7.

O primeiro componente de Σεδεγων é claramente o mesmo que forma a base do “etnónimo” **sedeiscen** = SEDETANI (Faria, 1994, p. 70; Gangutia, 1999, p. 9). Já a identificação do segundo elemento com o que integra os NNP ibéricos EDECO(N) (Faria, 1990-1991, p. 85), **ersCon** (B.7.11, .12, .13), **Conildir** (G.16.5) e **tautinCon** (E.4.4) (Faria, 1994, p. 70, 1998b, p. 236; De Hoz, 1998, p. 120; Gangutia, 1999, p. 9) não é evidente, face à possível existência na onomástica ibérica de dois componentes distintos: **con** e **gon**. De Hoz (1998, p. 120-121) admite a inclusão de Σεδεγων na onomástica indo-europeia, mas não fornece no âmbito desta última um só paralelo.

■ **urCailbi**. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). CNH 344:17-25.

Os esforços por nós empreendidos na última década no sentido de demonstrar que a consagrada transliteração **urkailtu** devia ser substituída por **urCailbi** foram coroados de êxito no momento em que Luis Silgo, um paleo-hispanista de créditos firmados, se mostrou convencido da bondade dos nossos argumentos (Silgo, 2000, p. 284). Infelizmente, não tivemos o mesmo sucesso junto dos restantes investigadores, nomeadamente junto da Dra. Alicia Arévalo, a maior conhecedora da numária de *Obulco* (v., em último lugar, Arévalo, 2000b, p. 115-119). No entanto, desde o exacto momento em que a Dra. Arévalo declarou ter descoberto que **sítubolai** devia dar lugar a **síbibolai** (Faria, 2000a, p. 138-139), começámos a acreditar que esta numismata não tardaria a revelar ao mundo que **urCailbi** constitui a transliteração correcta, penitenciando-se assim do erro que recentemente lhe apontou a Prof^a. Dra. María Paz García-Bellido num breve comentário ao capítulo que, na publicação da sua tese de doutoramento (Arévalo, 1999), foi reservado às legendas monetárias de *Obulco*: “Especial dedicación (pp. 73-96) se hace a las cuestiones epigráficas para las que las leyendas de Obulco son un testimonio excepcional por la abundancia de NNP indígenas y por lo temprano de su constatación. Aunque se recogen lecturas posteriores al MLH (*bi* en lugar de *tu*), en algunos nombres se ha deslizado todavía la antigua transcripción, por lo que existen algunas incoherencias” (García-Bellido, 2000, p. 323).

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. de (1990) - A urbanização de Portugal nas épocas de César e de Augusto. In TRILLMICH, W.; ZANKER, P., eds. - *Stadtbild und Ideologie: Die Monumentalisierung hispanischer Städte zwischen Republik und Kaiserzeit. Kolloquium in Madrid vom 19. bis 23. Oktober 1987*. München: Bayerischen Akademie der Wissenschaften, p. 43-57.
- ARÉVALO, A. (1999) - *La ciudad de Obulco: sus emisiones monetales*. Sigüenza: Librería Rayuela.
- ARÉVALO, A. (2000a) - La moneda hispánica en relación con la explotación minera y agrícola. In *Moneda i administració del territori: IV Curs d'Història Monetària d'Hispania (23 i 24 de novembre de 2000)*. Barcelona: Museu Nacional d'Art de Catalunya, p. 37-55.
- ARÉVALO, A. (2000b) - *Obulco*. In RIPOLLÈS P. P.; ABASCAL, J., M. - *Monedas hispánicas: catálogo del Gabinete de Antigüedades*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- BALLESTER, X. (1999) [2000] - Tres notas celtibéricas: *OILAUNICA CaR, *ARGAILICA CAR y CAAR *SALMANTICA. *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 16, p. 217-220.
- BELTRÁN, F. (1978) - Los magistrados monetales en Hispania. *Numisma*. Madrid. 150-155, p. 169-211.
- CNH = VILLARONGA, L. (1994) - *Corpus nummum Hispaniae ante Augusti aetatem*. Madrid: José A. Herrero, S. A.
- CORREA, J. A. (1992) - Representación gráfica de la oposición de sonoridad en las oclusivas ibéricas (semisilabario levantino). *AION*. Napoli. 14, p. 253-291.
- CORREA, J. A. (1993a) - Antropónimos galos y ligures en inscripciones ibéricas. In ADIEGO, I.-J.; SILES, J.; VELAZA, J., eds. - *Studia palaeohispanica et indogermanica J. Untermann ab amicis hispanicis oblata*. Barcelona: Universitat, p. 101-116.
- CORREA, J. A. (1993b) - [Recensão a] UNTERMANN, J., *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: Die iberischen Inschriften aus Spanien. 1. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften*, Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990, 339 + 661 pp. *Habis*. Sevilla. 24, p. 328-332.
- CORREA, J. A. (1994) - La lengua ibérica. *Revista Española de Lingüística*. Madrid. 24:2, p. 263-287.
- CORREA, J. A. (1997) - [Recensão a] FRANCISCO VILLAR, *Estudios de celtibérico y de toponimia prerromana*, Salamanca, Universidad, 1995, 273 pp. *Habis*. Sevilla. 28, p. 394-397.
- CORREA, J. A. (1999) - Las nasales en ibérico. In VILLAR, F.; BELTRÁN, F., eds. - *Pueblos, lenguas y escrituras en la Hispania prerromana: Actas del VII Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Zaragoza, 12 a 15 de Marzo de 1997)*. Salamanca: Universidad; Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", p. 375-396.
- DECOURT, J.-C. (1999) [2000] - Le plomb de Pech Maho: état de la recherche. *Archéologie en Languedoc*. Lattes. 23, p. 93-106.
- ESPAÑA, L. (2000) - Las dracmas de la Medusa en el territorio kesetano del siglo III a.C. *Gaceta Numismática*. Barcelona. 138, p. 21-31.
- FARIA, A. M. de (1990-1991) - Antropónimos em inscrições hispánicas meridionais. *Portugalia*. Porto. Nova série. 11-12, p. 73-88.
- FARIA, A. M. de (1991a) - [Recensão a] UNTERMANN, J., *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III. Die iberischen Inschriften aus Spanien. 1. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften*, Wiesbaden, Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990, 339 + 661 pp. *Conimbriga*. Coimbra. 30, p. 187-197.
- FARIA, A. M. de (1991b) - Epigrafia monetária meridional. *Conimbriga*. Coimbra. 30, p. 13-22.
- FARIA, A. M. de (1992) - Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal. *Vipasca*. Aljustrel. 1, p. 39-48.
- FARIA, A. M. de (1994a) - Subsídios para o estudo da antroponímia ibérica. *Vipasca*. Aljustrel. 3, p. 65-71.
- FARIA, A. M. de (1994b) - Nomes de magistrados em moedas hispánicas. *Portugalia*. Porto. Nova série. 15, p. 33-60.
- FARIA, A. M. de (1995a) - Algumas notas de onomástica ibérica. *Portugalia*. Porto. Nova série. 16, p. 323-330.
- FARIA, A. M. de (1995b) - Novas achegas para o estudo da onomástica ibérica e turdetana. *Vipasca*. Aljustrel. 4, p. 79-88.
- FARIA, A. M. de (1997) - Apontamentos sobre onomástica paleo-hispánica. *Vipasca*. Aljustrel. 6, p. 105-114.
- FARIA, A. M. de (1998a) - Duas novas tésseras celtibéricas de procedência desconhecida. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, p. 119-122.
- FARIA, A. M. de (1998b) - [Recensão a] QUINTANILLA, Alberto - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, 1998. 325 p. (Veleia: Revista de Prehistoria, Historia Antigua, Arqueología y Filologías Clásicas. Anejos. Serie Minor; 11). ISBN 84-8373-041-3. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, p. 232-240.
- FARIA, A. M. de (1999) - Novas notas de onomástica hispánica pré-romana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 2:1, p. 153-161.
- FARIA, A. M. de (2000a) - Onomástica paleo-hispánica: revisão de algumas leituras e interpretações. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:1, p. 121-151.
- FARIA, A. M. de (2000b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (1). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, p. 61-66.
- GARCÍA-BELLIDO, M.ª P. (2000) - [Recensão a] A. Arévalo González - *La ciudad de Obulco: sus emisiones monetales*, Madrid (sic), Ediciones de Librería Rayuela, 1999. 362 págs., 60 láms. y 59 figs. en texto. ISBN 84-86711-08-8. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 73, p. 323.

- GARCÍA-BELLIDO, M.^a P.; RIPOLLÈS, P. P. (1997) - [Comentários ao catálogo de moedas ibéricas]. In *Les Ibères*. Paris: Association française d'Action Artistique; Madrid: Ministerio de Educación y Cultura; Barcelona: Fundación "la Caixa"; Bonn: Kunst- und Ausstellungshalle der Bundesrepublik Deutschland, p. 272-287.
- GARCÍA GARRIDO, M.; MONTAÑÉS, J. (1989) - Divisores de plata inéditos o poco conocidos de la Hispania antigua. *Acta Numismática*. Barcelona. 19, p. 45-52.
- GÓMEZ-MORENO, M. (1949) - *Misceláneas. Historia-arte-arqueología*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- GORROCHATÉGUI, J. (1984) - *Estudio sobre la onomástica indígena de Aquitania*. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- GORROCHATÉGUI, J. (1993) - La onomástica aquitana y su relación con la ibérica. In UNTERMANN, J.; VILLAR, F., eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana. Actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de Noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, p. 609-634.
- GORROCHATÉGUI, J. (1995a) - Los Pirineos entre Galia e Hispania: Las lenguas. *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 12, p. 181-234.
- GORROCHATÉGUI, J. (1995b) - The Basque language and its neighbors in Antiquity. In HUALDE, J. I.; LAKARRA, J. A.; TRASK, R. L., eds. - *Towards a history of the Basque language*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, p. 31-63.
- GUÉRIN, P.; SILGO, L. (1996) - Inscripción ibérica sobre plomo de Castellet de Bernabé (Llíria, Valencia). *Revista d'Arqueologia de Ponent*. Lleida, 6, p. 199-206.
- GUERRA, A. (2000) - Dos estelas funerarias ibéricas en Badalona. *Revista de Arqueología*. Madrid. 234, p. 63.
- DE HOZ, J. (1989) - El desarrollo de la escritura y las lenguas de la zona meridional. In AUBET, M.^a E., ed. - *Tartessos: arqueología protohistórica del Bajo Guadalquivir*. Sabadell: AUSA, p. 523-587.
- DE HOZ, J. (1992) - La inscripción de la falcata. In *Estudios de arqueología ibérica y romana. Homenaje a Enrique Pla Ballester*. Valencia: Diputación (Serie de Trabajos Varios; 89), p. 330-338.
- DE HOZ, J. (1994) - Notas sobre inscripciones meridionales de la Alta Andalucía. In MANGAS, J.; ALVAR, J., eds. - *Homenaje a José M^a Blázquez. 2*. Madrid: Ediciones Clásicas, p. 167-179.
- DE HOZ, J. (1995) - El poblamiento antiguo de los Pirineos desde el punto de vista lingüístico. In BERTRANPETIT, J.; VIVES, E., eds. - *Muntanyes i població: El passat dels Pirineus des d'una perspectiva multidisciplinaria*. Andorra La Vella: Centre de Trobada de les Cultures Pirenenques, p. 271-297.
- DE HOZ, J. (1998) - Koiné sin Alejandro: Griego y lenguas anhelénicas en el Mediterráneo occidental durante la época helenística. In BRIXHE, CL., ed. - *La koiné grecque antique III: Les contacts*. Nancy: Association pour la Diffusion de la Recherche sur l'Antiquité (ADRA), p. 119-136.
- HUALDE, J. I. (1999) - Pre-Basque plosives. In FRANCO, J.; LANDA, A.; MARTÍN, J., eds. - *Grammatical Analyses in Basque and Romance Linguistics: Papers in honor of Mario Saltarelli*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, p. 77-104.
- IGAI = RODRÍGUEZ SOMOLINOS, H. - Inscripciones Graecae antiquissimae Iberiae [IGAI]. In MANGAS, J.; PLÁCIDO, D., eds. - *Testimonia Hispaniae Antiqua II A (T. H. A.)*. Madrid: Editorial Complutense; [Mérida]: Fundación de Estudios Romanos, p. 333-362.
- IRIGOYEN, A. (1987) - Cuestiones de toponimia vasca circumpirenaica. In CIERBIDE, R., ed. - *Pirenaico navarro-aragonés, gascón y euskera: V Cursos de Verano en San Sebastián*. Bilbao: Universidad del País Vasco, p. 71-156.
- KURT, A.; BARTLETT, P. (1998) - Nueva ceca visigoda: Lorca (Ilici[ca]) y sus nexos con las cecas del sur. *Numisma*. Madrid. 241, p. 27-39.
- LAFON, R. (1970/1999) - Structure de la déclinaison basque. In *Actes du X^e Congrès international des linguistes, Bucarest, 28 août - 2 septembre 1967*. Bucarest: Académie de la République Socialiste de Roumanie, p. 297-301 [= *Vasconiana*. Bilbo: Euskaltzaindia/Real Academia de la Lengua Vasca, p. 167-171].
- LEJEUNE, M.; POUILLOUX, J.; SOLIER, Y. (1988) - Etrusque et ionien archaïques sur un plomb de Pech Maho (Aude). *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 21, p. 19-59.
- MARTINET, A. (1955) - *Economie des changements phonétiques. Traité de phonologie diachronique*. Berne: A. Francke.
- MEZQUÍRIZ, M. A. (1991-1992) - Pavimento de "Opus signinum" con inscripción ibérica en Andelos. *Trabajos de Arqueología Navarra*. Pamplona. 10, p. 365-367.
- MICHELENA, L. (1954/1985) - De onomástica aquitana. *Pirineos*. Jaca. 10, p. 409-455 [= *Lengua e Historia*. Madrid: Paraninfo, p. 409-445].
- MICHELENA, L. (1957/1995) - Las antiguas consonantes vascas. In CATALÁN, D., ed. - *Misceláneas en homenaje a André Martinet, I*. La Laguna: Universidad, p. 113-157 [= The ancient basque consonants. In HUALDE, J. I.; LAKARRA, J. A.; TRASK, R. L., eds. - *Towards a History of the Basque Language*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, p. 31-63].
- MICHELENA, L. (1969/1987) - Notas lingüísticas a "Colección diplomática de Irache". *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 1, p. 1-59 [= *Palabras y textos*. Bilbao: Universidad del País Vasco, p. 87-140].
- MICHELENA, L. (1970/1987) - Nombre y verbo en la etimología vasca. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 2, p. 67-93 [= *Palabras y textos*. Bilbao: Universidad del País Vasco, p. 283-309].
- MICHELENA, L. (1972/1985) - Etimología y transformación. In *Homenaje a Antonio Tovar ofrecido por sus discípulos, colegas y amigos*. Madrid: Gredos, p. 305-317 [= *Lengua e Historia*. Madrid: Paraninfo, p. 296-308].
- MICHELENA, L. (1976/1985) - Ibérico -en. In JORDÁ, F.; DE HOZ, J.; MICHELENA, L., eds. - *Actas del I Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Salamanca, 27-31 mayo 1974)*. Salamanca: Universidad, p. 353-361 [= *Lengua e Historia*. Madrid: Paraninfo, p. 379-387].

- MICHELENA, L. (1977²) - *Fonética histórica vasca*. 2.ª ed. (1961¹), San Sebastián-Donostia: Diputación Foral de Gipuzkoa (Anejos del Seminario de Filología Vasca "Julio de Urquijo"; 4).
- MICHELENA, L. (1997⁵) - *Apellidos vascos*. 5.ª ed. (1953¹). San Sebastián: Txertoa.
- MLH I = UNTERMANN, J. (1975) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band I: Die Münzlegenden*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH II = UNTERMANN, J. (1980) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band II: Die Inschriften in iberischer Schrift aus Südfrankreich*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III = UNTERMANN, J. (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: Die iberischen Inschriften aus Spanien*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH IV = UNTERMANN, J. (1997) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band IV. Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- OROZ, F. J. (1999) - Miscelanea hispánica. In VILLAR, F.; BELTRÁN, F., eds. - *Pueblos, lenguas y escrituras en la Hispania prerromana: Actas del VII Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Zaragoza, 12 a 15 de Marzo de 1997)*. Salamanca: Universidad; Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", p. 499-534.
- ORPUSTAN, J.-B. (1999) - *La langue basque au Moyen Age (IX^e-XV^e siècles)*. Baigorri: Izpegi.
- OWSTROWSKI, M. (2000) - History of Basque Language. <<http://www.freespeech.org/ehj/html/mowstr.html>> [consulta: 15 de Noviembre de 2000].
- PATTISON, W. (1981) - Iberian and Basque (morpho-syntactic comparison). *Archivo de Prehistoria Levantina*. Valencia. 16, p. 487-522.
- PENA, M.ª J. (2000) - ¿Quiénes eran los magistrados monetales?. In *Moneda i administració del territori: IV Curs d'Història Monetària d'Hispania (23 i 24 de novembre de 2000)*. Barcelona: Museu Nacional d'Art de Catalunya, p. 67-84.
- PÉREZ OROZCO, S. (1993) - Observaciones sobre los sufijos ibéricos. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 25:2 (63), p. 221-229.
- PÉREZ VILATELA, L. (2000) - *Lusitania: historia y etnología*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- QUINTANILLA, A. (1998) - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco (*Veleia*. Anejos. Serie Minor; 11).
- RAMÍREZ SÁDABA, J. L. (1998) - La romanización de los vascones: el paradigma de los Andelonenses. In *III Congreso General de Historia de Navarra = Nafarroako Kondairaren III. Batzarre Orokorra (Pamplona, 20-23 septiembre de 1994)* [cd-rom]. Pamplona: Gobierno de Navarra, p. 1-17.
- RIPOLLÈS, P. P. (1991-1993) - Les dracmes d'Arse amb anvers Atenea. *Acta Numismàtica*. Barcelona. 21-23 (= *Homenatge al Dr. Leandre Villaronga*), p. 117-132.
- RIPOLLÈS, P. P. (1999a) - Les hémidrachmes d'Arse. *Bulletin de la Société Française de Numismatique*. Paris. 54:2, p. 17-22.
- RIPOLLÈS, P. P. (1999b) - L'entrada en el món de la moneda. In RIPOLLÈS, P. P.; LLORENS, M.ª del M., eds. - *Els diners van i vénen*. València: Museu de Prehistòria, p. 23-43.
- RODDAZ, J.-M. (2000) - L'empreinte de César sur la péninsule Ibérique. In URSO, G., ed. - *L'ultimo Cesare: scritti riforme progetti poteri congiure: atti del convegno internazionale, Cividale del Friuli, 16-18 settembre 1999*. Roma: "L'Erma" di Bretschneider, p. 259-276.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (1997) - Primeras observaciones para una datación paleográfica de la escritura ibérica. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 70, p. 13-30.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (1998) - Sobre la lectura y la paleografía de la inscripción de la falcata saguntina MPV 314. *Pyrenae*. Barcelona. 29, p. 227-230.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (1999) - Introducción a la escritura ibérica: variante levantina. *Revista de Arqueología*. Madrid. 218, p. 6-13.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2000a) - La lengua íbera: en busca del paradigma perdido. *Revista Internacional d'Humanitats*. Barcelona-São Paulo. 3. <<http://www.hottopos.com.br/rih3/lengiber.htm>> [consulta: 26 de Outubro de 2000].
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2000b) - Vocales y consonantes nasales en la lengua íbera. *Faventia*. Barcelona. 22:2, p. 25-37.
- RRC = CRAWFORD, M. H. (1974) - *Roman Republican Coinage*. Cambridge: University Press.
- SALABERRI, P. (2000) - Acerca del sufijo toponímico *-ain*. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 83, p. 113-137.
- SAYAS, J. J. (1994) - *Los Vascos en la Antigüedad*. Madrid: Cátedra.
- SILGO, L. (1988) - La antroponimia ibérica de Sagunto (1). *Arse*. Sagunto. 23, p. 67-77.
- SILGO, L. (1993) - Las inscripciones ibéricas de los mosaicos de Camínreal (Teruel) y Andelos (Navarra). In ADIEGO, I.-J.; SILES, J.; VELAZA, J., eds. - *Studia paleohispanica et indogermanica J. Untermann ab amicis hispanicis oblata*. Barcelona: Universitat (Aurea Saecula; 10), p. 281-286.
- SILGO, L. (1994) - *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana (Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas; 2).
- SILGO, L. (1998-1999) - Ibérico *ilti*, *iltu* y derivados. *Arse*. Sagunto. 32-33, p. 11-45.
- SILGO, L. (2000) - [Recensão a] A. QUINTANILLA NIÑO: «Estudios de Fonología Ibérica». *Veleia*, Anejos Serie Minor 11, Vitoria-Gasteiz 1998. 325 págs. In *Estudios varios*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana (Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas; 3), p. 279-293.
- TOLOSA, A. (2000) - Sobre formas verbales ibéricas en *-in*. In *Estudios varios*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana (Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas; 3), p. 143-147.

- TOVAR, A. (1949) - Las monedas saguntinas y otras notas sobre inscripciones ibéricas. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*. Valladolid. 15:49-50, p. 23-34.
- TOVAR, A. (1959) - *El Euskera y sus parientes*. Madrid: Minotauro.
- TOVAR, A. (1989) - *Iberische Landeskunde, II. 3. Tarraconensis*. Baden-Baden: Körner.
- TRASK, R. L. (1997) - *The History of Basque*. London-New York: Routledge.
- UNTERMANN, J. (1998) - Comentario sobre una lámina de plomo con inscripción ibérica de la colección D. Ricardo Marsal, Madrid. *Habis*. Sevilla. 29, p. 7-21.
- VALLADOLID, J. (1998) - La estela inscrita ibérica conocida como "lápida de Liria": una nueva lectura. *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 15, p. 241-256.
- VASCONCELLOS, J. L. de (1901) - Les monnaies de la Lusitanie portugaise. *O Archeologo Português*. Lisboa. 6, p. 81-89.
- VELAZA, J. (1991) - *Léxico de inscripciones ibéricas (1976-1989)*. Barcelona: Universitat (Aurea Saecula; 4).
- VELAZA, J. (1992) - Basped- sur le plomb grec d'Emporion: un anthroponyme ibérique? *Beiträge zur Namensforschung*. Heidelberg. Neue Folge. 27: 3-4, p. 264-267.
- VELAZA, J. (1995) - Epigrafía y dominios lingüísticos en territorio de los Vascones. In BELTRÁN, F., ed. - *Roma y el nacimiento de la cultura epigráfica en Occidente: Actas del Coloquio Roma y las primeras culturas epigráficas del Occidente mediterráneo (siglos II a.E. - I d.E.) (Zaragoza, 4 a 6 de noviembre de 1992)*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", p. 209-218.
- VELAZA, J. (1996) - *Epigrafía y lengua ibéricas*. Madrid: Arco Libros.
- VELAZA, J. (1998) - La epigrafía monetaria paleohispánica: breve estado de la cuestión. In *La moneda en la sociedad ibérica: II Curs d'Història Monetària d'Hispania (26 i 27 de novembre de 1998)*. Barcelona: Museu Nacional d'Art de Catalunya, p. 67-84.
- VILLAR, F. (1995) - *Estudios de celibérico y de toponimia prerromana*. Salamanca: Universidad.